

## Tarefa 4 | O fantasma da varíola

Como cidadão consciente, e após a leitura do artigo, escreva uma mensagem para o autor a ser divulgada em seu *site*. Em seu texto, posicione-se sobre a destruição dos estoques do vírus da varíola, defendendo seu ponto de vista.

# O FANTASMA DA VARÍOLA

Amostras do vírus permaneceram armazenadas em dois laboratórios

Por Redação

O vírus da varíola conviveu com a humanidade por milênios. Teria surgido nos primeiros agrupamentos agrícolas, no nordeste da África, há 10 mil anos. A múmia de Ramsés 5º —morto em 1.156 a.C.— trazia na pele as cicatrizes das lesões características da varíola. Há evidências de que a doença já estava presente na China naquele tempo.

Introduzido na Europa no tempo dos romanos, o vírus provocou epidemias que coincidiram com os primeiros estágios da decadência do império. A que se disseminou na época de Antonino teria provocado milhões de mortes. Altamente transmissível, a varíola ficou limitada à Euro-Ásia até o século 15, com taxas de mortalidade que chegavam a 90%.

As Cruzadas levaram o vírus ao Oriente Médio, e os navegadores às Américas, ao Caribe e à África —por meio do tráfico de escravizados. A doença chegou ao século 18 com índices de mortalidade que variavam de 20% a 60%. As crianças foram mais castigadas: 80% de mortalidade em Londres e 98% em Berlim. Então, em 1776, o inglês Edward Jenner imunizou um menino com uma preparação obtida por escarificação das lesões de varíola presentes numa vaca. Estava descoberta a primeira vacina com vírus atenuado, que, em dois séculos, erradicaria a doença.

O último óbito aconteceu em 1978, na cidade de Birmingham, no



Reino Unido. A fotógrafa médica Janet Parker adquiriu a infecção no laboratório da faculdade em que trabalhava, e faleceu um mês mais tarde. Em 1980, a OMS declarou extinta a doença. Apesar da erradicação, amostras do vírus permaneceram armazenadas em dois laboratórios de segurança máxima. Um deles, em Atlanta, no Centers for Disease Control; o outro, no laboratório Vector, em Novosibirsk, na Rússia.

Há anos, os especialistas discutem a conveniência de destruir esses estoques. Os favoráveis argumentam que a preservação traz a possibilidade de um acidente laboratorial ou de o vírus cair nas mãos de bioterroristas que o disseminariam em populações não imunizadas. Os contrários dizem que as pesquisas devem prosseguir porque não há como ter certeza absoluta de que a doença jamais retornará.

Muitos estão preocupados que o degelo no Ártico traga à tona corpos com o vírus ainda viável. Se partículas virais foram isoladas em múmias egípcias mantidas à temperatura ambiente, a preocupação não seria descabida.

Em pleno século 21, apesar de ainda existirem patrulhas de defensores de ideologias esdrúxulas contrárias às vacinações, a vacina desenvolvida por Jenner é considerada a descoberta de maior impacto na história da saúde pública mundial. Em 20 anos, evitou centenas de milhões de mortes, o sofrimento que as precede, as desfigurações da face e da alma dos sobreviventes.